

## FERNANDO PESSOA (1888-1935)



*O Estado está acima do cidadão, mas o Homem está acima do Estado...  
combater sempre e em toda a parte... a Ignorância, o Fanatismo e a Tirania*

- ♦ O maior poeta português do século XX. Morre em 30 de Setembro de 1935, com 47 anos. Educado na África do Sul, onde a família se instala a partir de 1895, chega a frequentar a universidade de Capetown (1903-1904), depois de estudar na *Commercial School* de Durban. Vive profissionalmente em Lisboa como correspondente comercial, desde 1908, trabalhando em publicidade a partir de meados da década de vinte.
- ♦ Um dos fundadores da *Orpheu*, em 1915. Colabora em *A Águia*. Tem fundamentais páginas de reflexão política, onde se assume como feroz crítico do modelo da I República, chegando a exaltar o sidonismo do *Presidente-Rei* e, depois, a justificar a necessidade de uma ditadura militar. Contudo, não deixa de se manifestar como crítico agreste do salazarismo, tendo nos últimos dias de vida sido um público denunciante da lei destinada a extinguir a maçonaria.
- ♦ Apesar de adepto do modernismo e de, assim, ter algumas coincidências com o nascente fascismo, é fortemente marcado pela educação britânica de cariz liberal. Contudo, o essencial das respectivas ideias políticas tem a ver com a teoria política de Portugal, onde assume uma perspectiva messianista e quintimperialista. Em síntese, quer aquilo que chegou a sintetizar como um *nacionalismo liberal*.
- ♦ A pátria só tardiamente o reconhece, dado que os seus projectados livros apenas serão publicados postumamente, enquanto, de forma hipócrita, a mesma mentalidade decadentista que o silenciou, o há-de tentar instrumentalizar, enclausurando as respectivas palavras na estreiteza dos livros únicos, até que outros regimes, com outras adjectivações, mas com o mesmo lastro, tratarão de o condicionar a interpretações quase officiosas restritivas, a nomes de prémios promovidos por capitalistas da comunicação social, com tentações de controlo da inteligência ou a casas-museus, dependentes da mesa do orçamento e das consequentes sinecuras nomeativas da clientela intelectual corrupta.

- ♦Em 1907 observa que *havia bandalhos, débeis e palacianos, e, para a executar, eram essencialmente precisos caracteres essencialmente honestos, fortes e justos, até porque não havia partidos, separados por ideologias diferentes, mas apenas grupos sem noção diferente das coisas, advogando para o ressurgimento qualquer coisa uma crise social que é simplesmente um meio violento e natural para eliminar os fracos e os inúteis.*
- ♦Sobre 1910, reconhece que *metade do país é monárquico; metade do país é republicano...Por qualquer razão, que não nos compete investigar, os republicanos estão mais organizados que os monárquicos; noutras palavras, a maioria republicana activa é mais activa que a maioria monárquica activa.*
- ♦Em 1912, invocando a *futura civilização europeia*, considera que *a nossa grande raça partirá em busca de uma Índia nova, que não existe no espaço, em naus que são construídas “daquilo de que os sonhos são feitos.*
- ♦Em 1915, observa que *nisto de manifestações populares, o mais difícil é interpretá-las... não há manifestações a favor de alguém; todas elas são contra os que estão contra esse alguém.* Neste mesmo ano critica os *neo-monárquicos integralistas*, assinalando que *o seu criador filosófico, o infeliz chamado Augusto Comte, toda a vida sofreu de alienação mental.*
- ♦Em 1923 já proclama: *Não queiramos que fora de nós fique um único Deus! Absorvamos os deuses todos! Conquistámos já o Mar: resta que conquistemos o Céu, ficando a terra para os Outros, os eternamente Outros, os Outros de nascença, os europeus que não são europeus porque não são portugueses. Ser tudo, de todas as maneiras, porque a verdade não pode estar em faltar ainda alguma cousa! Criemos assim o Paganismo Superior, o Politeísmo Supremo! Na eterna mentira de todos os deuses, só os deuses todos são a verdade.*
- ♦Em 1926, muito liberalmente, observa que *quanto mais o Estado intervém na vida espontânea da sociedade, mais risco há, se não positivamente mais certeza, de a estar prejudicando; mais risco há, se não mais certeza, de estar entrando em conflito com leis naturais, com leis fundamentais da vida, que, como ninguém as conhece, ninguém tem a certeza de não estar violando. E a violação de leis naturais tem sanções automáticas a que ninguém tem o poder de esquivar-se. Pretendendo corrigir a Natureza, pretendemos realmente substituí-la, o que é impossível e resulta no nosso próprio aniquilamento e do nosso esforço.*
- ♦Em 1928, notando a subida de Salazar ao poder, diz que *ele estabeleceu imediatamente o seu prestígio quando tomou posse, através de um discurso que é tão diferente dos discursos políticos habituais que o país aderiu a ele de imediato. E o público é incompetente para apreciar uma coisa tão profundamente técnica como as suas reformas financeiras. Ao fim e ao cabo, o prestígio é sempre não-técnico.*

♦Em 1930, já denuncia: *ao público, ou a qualquer pessoa que pareça público não se pode dizer embora melhor senão o que ela já sabe, isto é, aquilo que é absolutamente de dizer-lhe.*

♦Em 1933, observando a emergência da Constituição, salienta: *a Ditadura era, propriamente, uma ditadura de interregno. Com a votação da Nova Constituição estamos já num regime: o Interregno cessou. Nada importaria, ou importa, o julgar mau o Estado Novo. Existe. O interregno cessou... a ambos aceito, por disciplina; de ambos discordo, porque não concordo.*

♦Em 1935, confessa ser um *nacionalista que se guia por este lema “Tudo pela Humanidade, nada contra a Nação”, anti-comunista e anti-socialista. Templário e cristão gnóstico, para poder combater sempre e em toda a parte... a Ignorância, o Fanatismo e a Tirania, salientando os seguintes traços da sua ideologia política: considera que o sistema monárquico seria o mais próprio para uma nação organicamente imperial como é Portugal. Considera, ao mesmo tempo, a Monarquia completamente inviável em Portugal. Por isso, a haver um plebiscito entre regimes, votaria, embora com pena, pela República. Conservador do estilo inglês, isto é, liberal dentro do conservantismo, e absolutamente anti-reaccionário*

- *A Nova Poesia Portuguesa*, [1912], Lisboa, Cadernos Inquérito, 1944.
- *Sobre Portugal. Introdução ao Problema Nacional*, Introdução e organização de Joel Serrão, Lisboa, Atica, 1978.
- *Da República (1910-1915)*, Lisboa, Atica, 1978.
- *Textos de Crítica e de Intervenção*, Lisboa, Atica, 1980.
- *Ultimatum e Páginas de Sociologia Política*, Lisboa, Atica, 1980.
- *Livro do Desassossego por Bernardo Soares*, Recolha e transcrição de textos de Maria Aliete Galhoz e Teresa Sobral Cunha, prefácio e organização de Jacinto do Prado Coelho, Lisboa, Atica, 1982
- *Portugal, Sebastianismo e Quinto Império*, Lisboa, Publicações Europa-América, 1986 (edição de António Quadros)
- *Páginas de Pensamento Político. I 1910-1919*, Lisboa, id., 1986.
- *Páginas de Pensamento Político. II 1925-1935*, Lisboa, id., 1986.
- *A Procura da Verdade Oculta-Textos Filosóficos e Esotéricos*, Edição organizada por António Quadros, Lisboa, Publicações Europa-América

#### ➤ 1928 *Interregno (O)*

☐ Coelho, António Pina, *Fundamentos Filosóficos da Obra de Fernando Pessoa*, Lisboa, 1971; Quadros, António, *Fernando Pessoa. A Obra e o Homem*, Lisboa, Livraria Arcádia, 1960; Serrão, Joel, *Cidadão do Imaginário*, Lisboa, Livros Horizonte, 1981; Simões, João Gaspar, *Vida e Obra de Fernando Pessoa*, Lisboa, Livraria Bertrand, 1951.

☞ Maltez (1996), pp. 18, 21, 24, 45, 141, 143, 156, 157, 180, 306, 325, 373, 389, 405, 409, 443, 539, 548, 549 e 552.